



UM PROGRAMA E FUZIS

Textos escolhidos sobre a Agrupação Amigos de Durruti

UM PROGRAMA E FUZIS

Textos escolhidos sobre a Agrupação Amigos de Durruti

Org.

A. Santos



Livraria Anarquista Itinerante



Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí

geapi.phb@riseup.net

<http://www.anarquistas-pi.blogspot.com.br/>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO DO GEAPI	04
OS AMIGOS DE DURRUTI E A REVOLUÇÃO ESPANHOLA	05
RUMO A UMA NOVA REVOLUÇÃO.....	07
Preliminares da Revolução espanhola.....	07
19 de Julho	11
3 de Maio.....	17
A independência da Espanha	21
O colaboracionismo e a Luta de Classes.....	23
Nossa posição.....	24
Nosso programa	27
Rumo a uma nova Revolução	29
UMA TEORIA REVOLUCIONÁRIA	31

INTRODUÇÃO DO GEAPI

Saudações socialistas libertárias!

Mais uma vez o GEAPI – Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí disponibiliza textos no intuito de engrandecer e ampliar as perspectivas ácratas em língua portuguesa.

Desta vez, trazemos a público uma discussão pouco conhecida dentro dos círculos anarquistas nacionais e internacionais. Aos que começam a debruçar-se sobre a teoria e o movimento ácrata, por vezes encontram textos, enciclopédias, e livros tidos como “bíblias do anarquismo” que trazem um episódio histórico em que os socialistas libertários tiveram uma imensa participação: A Guerra Civil Espanhola.

Em quase todas estas, aponta-se motivos diversos que causaram a derrota da Revolução: Complôs e intervenções stalinistas, franquistas, estadunidenses; a falta de mantimentos para a luta armada; sabotagens realizadas por agrupamentos trotskistas; mas em nenhum momento, a teoria defendida pela CNT-FAI (Confederação Nacional do Trabalho – Federação Anarquista Ibérica) para a Guerra Civil é colocada a prova, ou apontada como *causae mortis* daquela grandiosíssima insurreição popular.

Mas qual a teoria defendida pela CNT-FAI? Quem nos responde é a “Agrupação Amigos de Durruti”: Nenhuma; e por conta disso, ela capitulou ante a “Frente Popular”, abrindo espaço para todos os tipos de contrarrevolucionários. Segundo “Os Amigos de Durruti”, quem deixou escapar a Revolução (e por vezes a sufocou) foi a própria CNT-FAI, mantendo inúmeros militantes das duas organizações em ministérios do governo provisório, como Frederica Montseny e Diego Abad de Santillán.

Mais que um debate teórico, a crítica dos “Amigos de Durruti” às duas maiores organizações revolucionárias da Península Ibérica, é um chamado à autocrítica sincera e profunda do movimento anarquista como um todo, em seus vários enfrentamentos internos, como os coletivistas e anarco-comunistas, os sintetistas e os plataformistas, e atualmente, os anarcossindicalistas estadunidenses e os socialistas libertários turcos do DAF (Ação Anarquista Revolucionária).

As aparências enganam. O anarquismo não é tão homogêneo como apontam os autores George Woodcock e Max Nettlau, e para organizações anarquistas, presentes e futuras, é essencial considerar as proposições apontadas, não como uma imposição, mas uma necessidade teórica.

OS AMIGOS DE DURRUTI E A REVOLUÇÃO ESPANHOLA¹

Em Julho de 1936 os fascistas se sublevaram e tentaram dar um Golpe Militar contra a República na Espanha, sem dúvidas, devido a exclusiva ação da classe trabalhadora organizada, foram derrotados na metade do país, praticamente, iniciando assim a “Guerra Civil Espanhola”. Em Barcelona, e em outras zonas liberadas, a derrota parcial do bando nacional, inflamou os corações humildes dos de baixo, que se empenharam na tarefa titânica de criar um mundo novo, impulsionando a Revolução Social. Desta maneira o povo trabalhador passou a autogerir o poder das fábricas e oficinas, coletivizou a terra no campo, criou assembleias populares e conselhos para governar os povos, formou patrulhas de controle baseada no voluntariado, e em alguns lugares, aboliram o dinheiro e se pegava o que se necessitava das acumulações.

Não obstante, rapidamente, as organizações que compunham a Frente Popular (e o Governo da República) tentaram frear o “impulso irresponsável” das massas, chamando a moderação, a preservação da propriedade privada e à disciplina de quartel, o que se traduziu no chamado a confortar uma ampla aliança de classes; única maneira, segundo a sua visão, de poder vencer o fascismo. Sem dúvidas, não só foram os partidos e organizações sindicais membros da Frente Popular que seguiram esta linha, mas também a direção oficial do gigantesco movimento libertário (composto pela anarcossindicalista *Confederación Nacional del Trabajo* - CNT, a *Federación Anarquista Ibérica* - FAI, e as *Juventudes Libertarias*). Também se somaram a esta estratégia, apoiando a supressão das conquistas revolucionárias e do poder popular, em aberta oposição a vontade do povo e de sua própria militância de base.

Em meio a este contexto, eis que surge a “*Agrupación Los Amigos de Durruti*”, tendência anarquista, que tentou contra o vento e contra a maré, injetar no movimento popular novas forças para lutar pela revolução, com um programa direto e preciso, e com armas nas mãos. A agrupação foi constituída formalmente em 15 de Março de 1937, em sua grande Maioria por combatentes da frente de Aragão que se opuseram à militarização das milícias e ao retrocesso do que foi conquistado pela classe trabalhadora com tanto suor e sangue. Rapidamente ganharam a simpatia de muitas e muitos descontentes com o rumo tomado pela Revolução, e chegou a ter

¹ Excertos da edição de número 24 do periódico anarquista chileno *Solidaridad*.

entre 4000 a 5000 militantes. A tensão entre o campo “antifascista” finalmente estourou, e em Maio de 1937 em Barcelona as e os revolucionários se enfrentaram nas ruas com a República e seus aliados. Durante as “Jornadas de Maio”, a Agrupação teve um papel fundamental, ao tentar oferecer uma direção e objetivos revolucionários ao movimento espontâneo. Posteriormente, lançaram um periódico de combate batizado de “*El Amigo del Pueblo*”, onde expressaram mais clara e detalhadamente suas ideias. (...)

RUMO A UMA NOVA REVOLUÇÃO²

Preliminares da Revolução espanhola

A rotação política que se caracterizou na Espanha pela clássica troca no poder, entre os constitucionalistas e os absolutistas, e que constituiu a engrenagem da vida oficial, foi rompida de um modo fulminante com o golpe de Estado que deu na capital catalã - no ano de 1923 - um general alcoólatra e criador de casos.

A ditadura de Primo de Rivera é o resultado da desastrosa atuação de uma política que se desenvolveu entre desperdícios, monopólios, apropriações burocráticas, privilégios, concessões e um cúmulo de escusos negócios que se realizavam sempre sob o favor oficial. A reação da caserna do ano de 1923 é uma expressão exata de uma das causas que têm empobrecido nosso país e que têm absorvido, quase por inteiro, o orçamento nacional.

O poderio colonial da Espanha deu vida a uma taifa de aventureiros, de mercenários, de políticos profissionais e a uma corte de tratantes de baixo valor.

Enquanto a burocracia do sabre e os cavalheiros da indústria tiveram um mercado abundante nas possessões de ultramar para roubar e saquear, a Espanha oficial pôde ir navegando com rumo mais ou menos incerto. Mas o desastre colonial levou consigo à falência desta intriga que uma minoria sem escrúpulos e sem entranhas manejava.

A fins do século XIX os militares são deixados sem a presa desejada. Têm de regressar à península com as mãos sujas de sangue e com a imagem adquirida de seres imprestáveis, mesmo no próprio terreno das armas.

Desde este momento se coloca um problema difícil para o povo espanhol. Milhares de privilegiados por um rei sífilítico vêm a devorar os naturais do país, posto que se havia acabado a possibilidade de seguir extorquindo os habitantes das colônias que amaldiçoavam a Espanha representada pelos ladrões e assassinos pomposos.

O erário público necessitava de um desafogamento imediato. A ата de Algeciras permite assaltar o perímetro do Marrocos. As minas do Riff que eram desejadas pelo ex-conde de Romanones se convertem em uma ventosa que aspira o sangue e o dinheiro do povo espanhol. A aventura do Marrocos custou ao tesouro nacional a cifra de 1.000.000.000 de pesetas e milhares de vidas oferecidas em holocausto ao grupo financeiro que repre-

² Escrito por Jaime Balius Mir. Fonte: Anarkismo.net (<http://zip.net/bkqZsy>)

sentava o ex-conde de Romanones. A tragédia do Barranco do Lobo e a de Annual constituem as fases mais destacadas desta matança espanhola que girou em torno das minas de ferro situadas nas proximidades de Beni-Bu-Iffrar, próxima ao monte Af-Laten.

Os militares têm sido o eterno pesadelo do povo laborioso. De infausta memória destacamos as Juntas de Defesa. O inspirador das mesmas - coronel Márquez - tratou de infundir nelas um espírito liberal, mas o favor palatino e as intrigas de La Cierva, pesaram muito mais que a suposta boa vontade de um coronel que se viu perseguido e encarcerado em Montjuich.

O general Primo de Rivera encarnou todo o passado que estamos narrando. Através de López Ochoa e com a complacência da burguesia, dos latifundiários, do clero, das finanças, cravou a espada nas alturas do Poder.

Textualmente, tem sido afirmado que o ex-capitão Geral da Catalunha saía a cancelar o expediente Picasso - no qual estavam implicados em primeiro lugar Alfonso XIII e seu testa-de-ferro o General Silvestre. É fora de dúvida que esta versão não é infundada; mas o que precipitou o golpe militarista foi sem nenhum gênero de dúvidas o mal-estar que se manifestava no seio da classe trabalhadora que, farta de abusos e latrocínios, se dispunha a varrer do solo espanhol os responsáveis pelo seu infortúnio. A burguesia financeira e industrial pôs todos os seus recursos na tramoia militar. Restringiram os créditos, sabotaram a economia, implantaram o *lock-out*, provocaram greves. Os burgueses catalães receberam com grandes demonstrações de júbilo a polacada dos militares.

A etapa de Primo de Rivera deve ser classificada como um ensaio da classe dominante para desviar o ataque da classe trabalhadora que nas etapas futuras se produzirá com traços mais categóricos. Sua gestão foi a repetição corrigida e aumentada das épocas passadas, com a idêntica corrupção de costumes e com a eterna imoralidade que tem marcado, em toda época, o cadáver da Espanha castiça e atormentada. Ao general mulherengo, se sucede Berenguer ao qual substitui mais tarde Aznar. E, ao final, é o conde de Romanones - agente do *intelligence service* - quem realiza a transferência da monarquia a seu antigo secretário, don Niceto Alcalá Zamora, que em acordo com o filho de Maura e ajudado por um médico do palácio - Marañón, do *intelligence service*-, fixaram os pilares de uma República que forçosamente havia de culminar no descalabro mais espantoso.

Nasce a República completamente alijada de sabor popular. Em lugar de diretrizes sociais, forjadas no fragor do movimento, prevalecem as mesmas taras das etapas borbônicas. O Poder é detido pelos políticos que nos períodos monárquicos serviram à sua majestade. Alcalá Zamora era um

monárquico recalcitrante, representante do clero e dos latifundiários. Azaña pertenceu ao partido de Melquíades Alvarez; Miguel Maura, outro realista; Alejandro Lerroux um desonrado...

A desolada Espanha seguia o caminho das traições, dos conchavos inconfessáveis. A comédia de Abril havia de custar rios de sangue.

A República de Abril ia dar resultados catastróficos. Já nos primeiros dias produziam-se acontecimentos. O herdeiro do assassino de Ferrer, o autor de 108 mortos, o ministro que deu a ordem de disparar sem prévio aviso, converteu nosso solo em uma fileira de cruces funerárias.

Ao perceber, a massa operária, que suas reivindicações eram vilmente burladas, se revoltou iradamente contra o “*misse en scène*” de abril. Miguel Maura mobilizou as forças armadas da esplêndida República para assassinar e dizimar os trabalhadores. Pasajes, Arnedo, Castilblanco, Sevilha, Catalunha... Explicita a natureza de uma República que desloca o soberano com delicadeza e gala escoltando-o em um navio da Marinha. A família de Alfonso XIII recebe os cumprimentos do general Sanjurjo que em Agosto de 1932 e em Julho de 1936 lançava duras arremetidas contra um povo que foi joguete inconsciente dos políticos que concederam carta branca ao general assassino e de ascendência realista. Na estação de Escorial o conde de Romanones vai dizer muito tranquilamente à ex-rainha: “Até muito em breve”!

A República passou por constantes flutuações. Nas Cortes Constituintes não se deu solução a nenhum problema. O problema militar que só podia ser resolvido através de execuções, se transformou em uma farsa. Azaña concedeu aos militares a aposentadoria com condições tão excepcionais que cobriu de privilégio a oficialidade monárquica.

O problema religioso também foi negligenciado. Deveria expropriar-se sem indenização alguma à Igreja, além de suprimir-se o custeio de cultos e do clero, a partir do orçamento nacional. Não se fez assim. Foram legalizadas as ordens religiosas. Não se quis livrar o povo espanhol do câncer que vinha corroendo durante longos séculos a alma peninsular. Fez mais o governo Mendizábal que a República nascida com uma experiência de cem anos. E não se arrancaram os 5.000.000.000 de pesetas que tinham os jesuítas incrustados na economia nacional.

A questão financeira tampouco foi resolvida. Foram reconhecidas as dívidas e os desperdícios da Monarquia. Foi hipertrofiado o orçamento. Foram aumentadas as classes ociosas e cresceu enormemente a burocracia. A dívida pública que em 1814 ascendia a 3.000.000.000 de pesetas, aumentada vertiginosamente com os desastres coloniais e do Marrocos -conhecendo

uma ligeira desaceleração na época de Villaverde - chega ao período de abril com a cifra astronômica de 22.000.000.000.

O 14 de abril protege os rentistas e prejudica o consumidor. O imposto sobre a renda foi algo truculento. Foi feita uma política essencialmente burguesa apesar de estarem os socialistas nos altos postos e no Poder. Os monopólios seguiram na ordem do dia, continuando em seu prestígio o contrabandista March que se deu o prazer de fugir da prisão quando a ele isto foi facilitado.

A questão dos Estatutos tampouco forneceu um resultado satisfatório. Em um dos artigos da Carta constitucional se fala de uma República federal ou federativa mas, no fim das contas, se manteve o centralismo.

A questão agrária resultou em um escárnio. O Instituto da Reforma Agrária foi um viveiro de parasitas. Haveriam de ser assentados 5.000 camponeses por ano. Necessitavam de terra 5.000.000. Ao final de mil anos se haveria terminado tão jocosa e urgente reforma.

Nas questões relativas ao trabalho armou-se uma geringonça horrenda. O controle operário consistiu em uma série de delegações que eram repartidas pelas amígdalas e pelos incondicionais.

O problema de uma Espanha colonizada se colocou com o pleito da Telefônica. Apesar das bravatas de Prieto, apesar de que em uma conferência celebrada no Ateneu de Madri foi acusado como leonino o contrato da Telefônica (pelo líder socialista), apesar destas manifestações se optou por metralhar os operários da Telefônica quando saíram às ruas pedindo um justo aumento de salários e em contraste beneficiou-se o capital norte-americano.

Dois biênios vivemos. O vermelho e o negro. Nos dois, a classe operária foi perseguida abertamente.

Os socialistas atuaram como lacaios do capitalismo. As leis de defesa da República, de Ordem Pública, do 8 de abril são de um caráter amplamente repressivo. A direita se serviu livremente delas. A reação operária se manifestou na queima de conventos, nos casos de Barcelona, em Figols, no 8 de Janeiro, no 5 de dezembro. As deportações à Bata e à Villa Cisneros adiantam a entrega infamante da República aos inimigos seculares do proletariado.

Os dois biênios foram funestos. A socialdemocracia é a responsável pelo fato de que a direita tenha voltado a prevalecer. É também a culpada de que a revolução não tenha podido evitar a intervenção estrangeira, pois em abril de 1931 o fascismo italiano ainda não havia se livrado da espinha

de Adua e os hitlerianos tampouco haviam conseguido estruturar o Estado totalitário e nacionalista. As circunstâncias eram favoráveis. Mas a traição dos socialistas e o reformismo de Pestaña e etc., impediu de levar adiante o que mais tarde será muito mais custoso.

Deste amálgama de situações mais ou menos díspares, amanheceu outubro.

Em Astúrias se viveu o prólogo de Julho. Lutou-se com destemor e com bravura. Na Catalunha, Dencás se encarrega de retirar a classe trabalhadora daquele movimento que poderia ser decisivo.

Em outubro, os socialistas pretendiam somente amedrontar Alcalá Zamora para que não entregasse o poder à direita, como assim haviam tentado nas greves precedentes. Havendo desejado a revolução, teriam aproveitado o levantamento camponês de junho de 1934 ou talvez o tivessem adiado para ligar a cidade com o campo. Mas os socialistas foram ultrapassados pela classe trabalhadora.

Dois anos durou o Governo Lerroux-Gil Robles. Anos negros, de repressão, de encarceramentos. Culmina em Fevereiro com as eleições pró-presos que desemboca nas Jornadas de Julho.

19 de Julho

A tragédia da Espanha não tem limites. É inútil que as penas mais vibrantes pretendam desenhar a dor deste povo que leva gravados em seus corpos e em suas mentes os horrores de um passado e de um presente.

Não poderão nossos escritores refletir com exatidão o calvário desta raça que parece que nasceu para sofrer. Este quadro de dor, esta cicatriz espanhola encontra sua máxima algidez em Fevereiro de 1936. Nesta data, o solo espanhol era um imenso presídio. Milhares de trabalhadores jaziam atrás das grades. Nos encontramos nas portas de Julho. É necessário recordar os acontecimentos que constituíram a antessala do levantamento militar.

A política do biênio negro estava em falência. Gil Robles não havia satisfeito os apetites de seus acólitos. Uma disputa havia aflorado entre Alcalá Zamora e o chefe da Ação Popular. O jesuitismo respaldava o Presidente da República. Era seu novo candidato; não em vão havia levantado a bandeira em favor da reforma constitucional e em favor da religião. A vida das Cortes era incerta. Os radicais estavam divorciados do bloco da direita, pois se sentiam escondidos do leito nacional. As sessões tumultuadas marcavam a expressão de uma política baixa, repugnante e criminosa. O prole-

tariado começava a manifestar-se da forma que estava mais a seu alcance. Os imensos atos celebrados no Estádio de Madri, em Baracaldo e em Valencia, congregaram imensas multidões. É de lamentar que aquelas demonstrações de excitação e de rebeldia servissem para revalorizar a uma figura vetusta e reacionária como no caso presente de Azaña. O erro se paga mais tarde com juro. Alcalá Zamora se crê árbitro da situação. Dissolve as Cortes. Seus testas-de-ferro são Franco, Goded, Cabanellas, Queipo de Llano, Mola. Elege para a consumação de seus planos a um bandido das finanças, Portela Valladares.

As fontes estatais faltam ao cacique galego. Apesar das fraudes eleitorais o resultado das eleições de Fevereiro não satisfaz as ânsias da Santa Sé.

Alcalá Zamora vendo frustradas suas combinações, brinda a Portela a declaração do estado de guerra. Portela não se atreve. Percebe que o povo espanhol está nas ruas. Aconselha a entrada de Azaña. Acerta. O político do biênio vermelho será um sedativo momentâneo. É o que pretendia a reação naqueles momentos. Um compasso de espera, para ir preparando a sublevação dos generais destinados à Praça do Oriente.

O triunfo eleitoral de Fevereiro não abriu os olhos dos socialistas. Aqueles protestos ciclópicos da população penal, aquele entusiasmo para libertar os presos do grande drama de Outubro, não os sugeriu nada novo. Seguiram a clássica pauta. Novas Cortes. Nova eleição de Intendente da República. Ocultaram ao povo os propósitos ditatoriais de Alcalá Zamora e suas intenções de entregar o mando aos militares.

Mas o proletariado possuía uma dura experiência dos biênios transcorridos. Lança-se às ruas. Bombas incendiárias põem fogo nos centros religiosos. As prisões clamam através dos muros. A cidade e o campo se movimentam por igual. A idiotice da socialdemocracia adia a eclosão popular. Felizmente a estreiteza da direita, que não soube apreciar em seu verdadeiro valor o papel contrarrevolucionário de Azaña e de Prieto, lança ao cabo de cinco meses o problema nas ruas.

De Fevereiro a Julho se produzem sérios distúrbios. Voltou-se a derramar sangue de trabalhadores. A greve do ramo da construção de Madri e um choque ocorrido em Málaga revela o cretinismo dos políticos de Fevereiro.

A direita inicia um plano descarado de ataque à situação que emana de eleições encharcadas de uma dose sentimental. Os fascistas assassinam impunemente, provocam algazarras. Vislumbra-se que a Espanha negra tramava algo. Falava-se com insistência de um golpe militar.

Não havia dúvida. O proletariado estava pisando no vestíbulo de Julho. Os governantes se encolhiam de costas. Entre o fascismo e o proletariado preferiam o primeiro. Para despistar, o traidor número um, Casares Quiroga ameaçava a direita desde o banco azul, incitando-a a sair às ruas.

A morte de Calvo Sotelo precipitou os acontecimentos. Corria o rumor de que os militares se lançariam às ruas de um instante a outro. Preveniram-se, os governantes? Franco dispunha de mando nas Canárias, Goded nas Baleares, Mola em Navarra... Por que não se licenciou imediatamente a tropa? Por que não se armou, sem perda de tempo, ao povo? Os fascistas também contavam com poderosos auxiliares nos postos governamentais!

O dia 17 de Julho veio a decifrar o enigma que tentávamos solucionar desde há muito tempo. Nas Ilhas Baleares, no Marrocos, nas Ilhas Canárias, a oficialidade se achava em franca revolta. Que medidas foram tomadas para sufocar a sublevação? Que fez o governo deste canalha, deste Casares Quiroga? Fechar-se na inércia mais absoluta. Esconder do povo a gravidade da situação. Ordenar uma severa censura. Negar as armas ao proletariado. Do dia 17 ao dia 19 de Julho, havia tempo suficiente para suprimir o movimento dos militares. Prevaleceu uma atitude suicida e suspeita em alto grau. Casares Quiroga é cúmplice de Mola. Manteve-o em Pamplona apesar de haver se declarado em franca rebeldia desde as eleições de Fevereiro e apesar de dar amparo a todos os conspiradores de direita.

A traição das esquerdas é evidente. Não se deu armas ao povo porque os democratas burgueses temiam o proletariado. Assim foi possível que múltiplas localidades, que sempre haviam demonstrado uma potencialidade proletária, caíssem facilmente em poder dos fascistas. Em Zaragoza a negativa do governador Vera Coronel, que entreteve com reuniões aos representantes da classe trabalhadora, facilitou o triunfo fascista. Em Valencia, quando na Espanha inteira se estava lutando, ainda se tolerava a permanência das forças sublevadas nos quartéis.

Nesta hora histórica, encharcados de sangue, acusamos, sem eufemismos, os políticos republicanos que, por sua aversão à classe trabalhadora, favoreceram de uma maneira aberta ao fascismo. Acusamos Azaña, Casares Quiroga, Companys, os socialistas, todos os farsantes desta República que surgida de um esboço em abril destroçou os lares da classe trabalhadora. E isto ocorre por não se haver feito a revolução em seu devido tempo.

As armas as foi buscar o povo. Foram ganhas. Conquistou-as com seu esforço próprio. Não foram dadas por ninguém. Nem o Governo da República nem a Generalidad deram um só fuzil.

No dia 19 de Julho, o proletariado se apresentou nas ruas como nas grandes jornadas. Dias antes havia atuado sigilosamente de vigia nas ruas das cidades espanholas. Na capital catalã se rememoraram dias de glória e de luta.

O primeiro armamento foi tirado pelos trabalhadores catalães de uns navios ancorados no porto barcelonês. Do Manuel Arnús e do Marquês de Comillas, se retiraram as primeiras armas.

Ao amanhecer do dia 19 de Julho, os militares se lançaram às ruas. O povo catalão arremeteu contra eles. Atacou quartéis e lutou até acabar com o reduto fascista.

O proletariado catalão salvou do fascismo a Espanha proletária. A Catalunha proletária se convertia no farol resplandecente de toda a península. Não importa que o campo espanhol esteja em poder dos fascistas. Os trabalhadores dos centros industriais resgataremos nossos camaradas do cativeiro no qual se encontram.

Em Madri ocorreu exatamente o mesmo. Tampouco foram dadas armas. Foram ganhas nas ruas. O proletariado combateu. Atacou o Quartel da Montanha. Venceu os militares. Com escopetas, e como pôde, se dirigiram os trabalhadores à Serra de Guadarrama para barrar a marcha do general Mola que, à frente das brigadas de Navarra, se dispunha a conquistar a capital castelhana.

No Norte, em Levante e em diversas localidades de Aragão, de Andaluzia e da Extremadura se derrotou o fascismo. Mas no resto da península os operários estavam desarmados e tiveram que se enfrentar com os próprios governadores de esquerda que facilitaram o golpe da escória espanhola.

A Casares Quiroga sucedeu o governo Martínez Barrios. O político que torpedeou as constituintes de abril ocupava o Poder para pactuar com os fascistas e entregar-lhes o mando. A rápida reação da classe trabalhadora impediu que se levasse adiante uma das traições mais infames, que se não se chegou a cometer foi devido a que não houve tempo para isto. Por esta manobra vil hão de responder os políticos com suas cabeças, começando por Azaña.

A atmosfera pessimista dos primeiros instantes, o propósito de rendição que se aninhava nos centros oficiais, foi rapidamente revertido pela bravura do proletariado. A Martínez Barrios se substituiu com Giral.

Temos relatado os aspectos de caráter anedótico. Mas é preciso de-ter-se uns instantes mais em Julho, e é necessário examinar que tipo de re-volução foi a daquelas memoráveis jornadas.

Muito se tem teorizado a respeito de Julho. Os burgueses democratas e os marxistas asseguram que a explosão popular de Julho deve ser classi-ficada como um ato de legítima defesa que realizou o proletariado ao ser ver acossado por seu Maior inimigo. Em torno desta tese se argumenta que não se pode considerar Julho como uma manifestação tipicamente revolucioná-ria e de classe.

A tese de nossos antípodas é falsa. As revoluções se produzem em uma data imprevista mas sempre estão precedidas por um largo período de gestação. Em abril se fechou um parêntese e se abriu outro. Este segundo parêntese, o encabeçou precisamente, em abril, a classe trabalhadora e, to-davia, segue nos postos avançados da revolução. Se não houvesse se lança-do o proletariado às ruas em Julho, se haveria lançado datas mais tarde, mas não haveria desistido de seu nobre empenho de redimir-se do jugo burguês. A pequena burguesia sustenta que nas jornadas de Julho nos en-contramos todos os setores na via pública. Mas havemos de recordar que se a C.N.T. e a F.A.I. não houvessem se apresentado nos lugares de perigo se haveria repetido a trapalhada do outubro barcelonês.

Na Catalunha predominam os trabalhadores que estão organizados na C.N.T. Os que negam esta realidade é que desconhecem ou se empenham em ignorar a história da C.N.T. no solo catalão. A revolução de Julho foi uma revolução impulsionada pelos trabalhadores e, portanto, de classe. A pequena burguesia atuou como apêndice e nada mais. Tanto nas ruas como na teoria. Mas existem razões com tanto ou mais peso. A recordação das comoções de tipo político que capitaneou o capitalismo nos séculos XVII, XVIII e XIX se esvaiu e desvanecidas, além do mais, as ilusões democráti-cas pequeno-burguesas pelos resultados havidos nos ensaios precedentes - 1873, abril, Fevereiro- na Espanha não cabia outra revolução que aquela de tipo social que amanheceu esplendorosa em Julho.

A experiência de abril é definitiva. Bastava para que não incorrêsse-mos em novos erros. Não nos referimos exclusivamente à repressão de que fomos objeto. Referimo-nos à trajetória disparatada que patrocinaram os marxistas.

A imensa Maioria da população trabalhadora estava ao lado da C.N.T. A organização majoritária, na Catalunha, era a C.N.T. Que ocorreu para que a C.N.T. não realizasse sua revolução que era a do povo, a da Maioria do proletariado?

Aconteceu o que fatalmente tinha que acontecer. A C.N.T. estava órfã de teoria revolucionária. Não tínhamos um programa correto. Não sabíamos aonde íamos. Muito lirismo mas, no fim das contas, não soubemos o que fazer com aquelas massas enormes de trabalhadores; não soubemos dar plasticidade àquela onda popular que se encontrava em nossas organizações e, por não saber o que fazer, entregamos a revolução de bandeja à burguesia e aos marxistas, que mantiveram a farsa de antes e, o que é muito pior, foi dada margem para que a burguesia voltasse a se refazer e atuasse no papel de vencedora.

Não se soube valorizar a C.N.T. Não se quis levar adiante a revolução com todas as suas consequências. Temeu-se as esquadras estrangeiras alegando que os navio da marinha inglesa tomariam o porto de Barcelona.

Já foi realizada alguma revolução sem ter que enfrentar inúmeras dificuldades? Já houve alguma revolução no mundo de tipo avançado que tenha podido evitar a intervenção estrangeira? Partindo do temor e deixando-se influenciar pela pusilanimidade não se chega nunca à vitória. Somente os audazes, os decididos, os homens de coração, podem aventurar-se às grandes conquistas. Os temerosos não têm direito a dirigir as multidões, nem a sair de casa.

Quando uma organização tem passado toda a vida defendendo a revolução, tem a obrigação de fazê-la quando precisamente se apresenta uma conjuntura favorável. Em Julho havia ocasião para isto. A C.N.T. devia colocar-se no alto da direção do país, dando uma solene patada a todo o arcaico, a todo o vetusto, e desta maneira haveríamos ganho a guerra e haveríamos salvo a revolução. Mas se procedeu de uma maneira oposta. Colaborou-se com a burguesia nas esferas estatais no preciso momento que o Estado era esquartejado pelos quatro lados. Fortaleceu-se Companys e seu séquito. Aplicou-se um balão de oxigênio a uma burguesia anêmica e apavorada.

Uma das causas que mais diretamente motivaram o estrangulamento da revolução e o deslocamento da C.N.T. foi haver atuado como setor minoritário apesar de que nas ruas dispúnhamos da Maioria.

Com esta postura minoritária, a C.N.T. não pôde fazer valer seus projetos, vendo-se constantemente sabotada e envolvida nas redes da política nebulosa e falsa. Na Generalidad, e no Município, dispunha de menos votos que os outros setores, mesmo o número de filiados de nossas organizações sendo muito superior. Além do mais, as ruas foram ganhas por nós. Por que a cedemos tão estupidamente?

Por outro lado afirmamos que as revoluções são totalitárias por mais que se afirme o contrário. O que ocorre é que diversos aspectos da revolução vão se plasmando paulatinamente, mas com a garantia de que a classe que representa a nova ordem de coisas é a que usufrui a Maior responsabilidade. Quando as coisas são feitas pela metade, produz-se o que estamos comentando, o desastre de Julho. Em Julho constituiu-se um comitê de milícias antifascistas. Não era um organismo de classe. Em seu seio se encontravam representadas as frações burguesas e contrarrevolucionárias. Parecia que diante da Generalidad se havia levantado o comitê supracitado. Mas foi pura fanfarra. Constituíram-se as patrulhas de controle. Eram homens das barricadas, das ruas. Tomaram-se as fábricas, as empresas, as oficinas, e se arrebatou a presa do latifúndio. Criaram-se comitês de defesa de quarteirão, municipais, comitês de abastecimento.

Transcorreram dezesseis meses. O que resta? Do espírito de Julho, uma recordação. Dos organismos de Julho, um passado. Mas mantém-se de pé toda a intriga política e pequeno-burguesa. Na Praça da República da capital catalã persiste a confusão de setores que só pretendem viver nas costas da classe trabalhadora.

3 de Maio

Foi no perímetro catalão onde mais se esforçou a contrarrevolução para sufocar as essências revolucionárias de Julho. A Catalunha industrial, por sua configuração econômica, permitia concentrar grandes massas de trabalhadores educados em um ambiente classista, de fábrica, de oficina. Esta idiosincrasia dos centros fabris é de grande importância para a conquista das reivindicações revolucionárias. A população laboriosa da Catalunha deu vida em Julho a uma nova tônica social. Ressurgiu um proletariado indomável que possuía o adestramento de longos anos de luta nos quadros confederais. A revolução social na Catalunha podia ser um fato. Além do mais, este proletariado revolucionário podia ter servido de contrapeso a uma Madri burocrática e reformista e a influência de uma Vizcaya católica.

Mas os acontecimentos tomaram outro sentido. Na Catalunha não se fez a revolução. A pequena burguesia, que nas jornadas de Julho se escondeu nas suas casas, ao dar conta de que o proletariado era novamente vítima de líderes sofistas se apressou a dar combate.

O chocante do caso é que ao falar de mesocracia nos referimos aos marxistas que fugiram com todos os comerciantes e com os 120.000 votantes da Lliga.

O socialismo na Catalunha foi funesto. Nutriu suas fileiras com uma base adversa à revolução. Capitaneou a contrarrevolução. Deu vida a uma U.G.T. mediada pelo G.E.P.C.I. Os líderes marxistas entoaram loas à contrarrevolução. A respeito da frente única esculpiram frases, eliminando primeiramente o P.O.U.M. e mais tarde tentaram repetir a façanha com a C.N.T.

As manobras da pequena burguesia aliada dos socialistas-comunistas, culminaram nos fatos de Maio.

Distintas versões têm corrido sobre Maio. Mas a verídica é que a contrarrevolução pretendia que a classe trabalhadora saísse às ruas em um papel de indecisão para sufocá-la. Em parte, alcançaram seus propósitos pela estultícia de dirigentes que deram a ordem de cessar fogo e caluniaram os Amigos de Durruti como agentes provocadores quando as ruas estavam ganhas e eliminado o inimigo. A contrarrevolução sentia um interesse evidente de que a ordem pública passasse a depender do Governo de Valencia. Isto foi alcançado graças a Largo Caballero e é de se destacar que naqueles momentos a C.N.T. dispunha de quatro ministros nas esferas governamentais.

Também se tem assinalado que a pequena burguesia havia tramado um plano de intervenção estrangeira com o pretexto de dirimir distúrbios. Assegurou-se que as esquadras estrangeiras dirigiam sua proa a Barcelona e divisões motorizadas do exército francês que estavam a ponto de intervir nos postos fronteiriços. A isto se pode agregar o trabalho conspirativo de determinados políticos que se encontravam na capital francesa.

O ambiente estava rarefeito. Rasgavam-se os carnês da C.N.T. Desarmava-se os militantes da C.N.T. e da F.A.I. Produziam-se continuados choques que não desembocavam em acontecimentos de maior gravidade por pura casualidade. As provocações que tivemos de suportar os trabalhadores foram múltiplas. As bravatas da mesocracia emergiam à superfície sem disfarces nem rodeios. A morte de um militante socialista - de Roldán - foi aproveitada para celebrar uma manifestação monstro na qual tomou parte toda a canalha contrarrevolucionária.

Todas as anomalias eram atribuídas à C.N.T. De todos os desmandos se culpava aos anarquistas. A escassez dos artigos alimentícios era atribuída aos comitês de abastecimento.

No dia 3 de Maio se produziu a explosão. O comissário de ordem pública Rodríguez Salas -com a autorização de Agudé - irrompe à frente de uma seção de guardas de assalto na Telefônica e tenta desarmar os ca-

maradas da C.N.T., apesar de que na Telefônica existia um controle das duas centrais sindicais.

A façanha do provocador Rodríguez Salas -do P.S.U.C.- foi um toque de clarim. Em poucas horas levantaram-se barricadas em todas as ruas da cidade de Barcelona. Iniciou-se o crepitar dos fuzis, soaram as rajadas das metralhadoras, retumbou no espaço o estampido dos canhões e das bombas.

A luta se decidiu em poucas horas a favor do proletariado agrupado na C.N.T. que como em Julho defendia suas prerrogativas com as armas em punho. Ganhamos as ruas. Eram nossas. Não havia poder humano que pudesse disputá-las. As barricadas operárias caíram imediatamente em nosso poder. Pouco a pouco o reduto dos inimigos ficou circunscrito a uma parte do casco da cidade -o centro urbano- que breve se haveria tomado se não houvesse ocorrido a defecção dos comitês da C.N.T.

Nossa Agrupação, ao dar-se conta da indecisão que havia se manifestado no curso da luta e da falta de direção tanto nas ruas como orgânica, lançou um panfleto e mais tarde um manifesto.

Fomos acusados como agentes provocadores porque exigíamos o fuzilamento dos provocadores, a dissolução dos corpos armados, a supressão dos partidos políticos que haviam armado a provocação, além da constituição de uma Junta revolucionária, de implantar a socialização da economia e de reclamar todo o poder econômico para os sindicatos.

Nossa opinião exposta naqueles instantes álgidos, através do panfleto e do manifesto, radicava em que não se abandonassem as barricadas sem condições pois ia se produzir o primeiro caso na história em que um exército vitorioso cede terreno ao inimigo.

Necessitavam-se garantias de que não seríamos perseguidos. Mas os dirigentes da C.N.T. asseguravam que os representantes da organização na Generalidad velariam pela classe trabalhadora. Não obstante, ocorreu a segunda parte do que havia acontecido horas antes em Valencia.

Abandonou-se as barricadas sem que se nos levasse em consideração. A medida que foi clareando o horizonte catalão foram-se conhecendo os desmandos cometidos pelos marxistas e pela força pública. Tínhamos razão. O camarada Berneri foi arrancado de seu domicílio e morto a tiros em plena rua; trinta camaradas apareceram horrivelmente mutilados em Sardañola; o camarada Martínez, das Juventudes Libertárias, perdeu sua vida de uma maneira misteriosa nas garras da Tcheca e um grande número de camaradas da C.N.T. e da F.A.I. foram vilmente assassinados.

Temos de recordar que o professor Berneri era um culto camarada italiano desta Itália antifascista que enche as ilhas de deportação, os cemitérios e os campos de concentração e, como o resto de seus camaradas antifascistas, não podia permanecer na Itália de Mussolini.

Uma intensa onda repressiva seguiu estes assassinatos. Detenções de camaradas pelas jornadas de Julho e de Maio; ataques a sindicatos, a coletividades, às sedes dos Amigos de Durruti, das Juventudes Libertárias, do P.O.U.M.

Um fato há de ser destacado. O desaparecimento e morte de Andrés Nin. Transcorreu mais de meio ano e o Governo, todavia, deve esclarecer o pretenso mistério que rodeia o assassinato de Nin. Será conhecido algum dia quem assassinou Nin?

Depois de Maio a contrarrevolução se sentiu mais forte que nunca. As potências estrangeiras ajudaram a esta reação mesocrática. Em breve se constitui o Governo Negrín que nasceu com dois objetivos: o aniquilamento da fração revolucionária do proletariado e a preparação de um abraço de Vergara. Em Catalunha constituiu-se um governo de Secretários de partidos políticos e de organizações sindicais até que Luis Companys arrancou da Generalidad os representantes da C.N.T.

Os fatos de Maio têm características muito distintas das de Julho. Em Maio o proletariado combateu com um espírito essencialmente de classe. Não cabia dúvida de que a classe trabalhadora queria radicalizar a revolução.

Por mais que a imprensa reacionária trate de perverter a natureza de Maio, passará para a história como um gesto rápido e oportuno do proletariado que sentindo ameaçada a revolução saiu às ruas para salvá-la e revalorizá-la.

Em Maio estávamos em tempo de salvar a revolução. Talvez muitos se arrependam nestes históricos momentos de haver feito o cessar fogo. Se não, que fixem a vista nas prisões abarrotadas de trabalhadores.

A Agrupação dos Amigos de Durruti cumpriu com seu dever. Fomos os únicos que estivemos à altura das circunstâncias. Soubemos prever os resultados.

Nunca Maio poderá ser esquecido. Foi o golpe mais forte que desferiu a classe trabalhadora nos pórticos burgueses. Os historiadores, ao falar das jornadas de Maio, terão que fazer justiça ao proletariado catalão que firmou naquelas jornadas os pilares de uma nova etapa que haverá de ser proletária, cem por cento.

A independência da Espanha

A intervenção das potências estrangeiras voltou a pôr diante dos olhos espanhóis o eterno problema no qual se tem debatido nosso país.

Desde o século XVI que a política espanhola tem sido um feudo das potências estrangeiras. Duas dinastias, a austríaca e a bourbônica, além do ligeiro reinado de Amadeo de Saboya, subjugarão os espanhóis até o dia 14 de abril de 1931.

A independência da Espanha foi sempre um mito. O *Foreign Office* e o Quai d'Orsay vem jogando um papel importantíssimo em nossas deliberações. Recorde-se o indulto de Sanjurjo na sublevação de Agosto de 1932, que se concedeu pela pressão feita pelo governo francês.

A economia espanhola, que é agrária por excelência, nos tem mantido ligados às grandes potências industriais. Para exportar o produto de nossos campos temos nos visto obrigados a comprar maquinaria que a podíamos fabricar em nosso território. Para que Londres recebesse nossa laranja, se nos impedia de comprar carvão inglês com o contraste de que havia de reduzir as jornadas das minas carboníferas por existir estoques superabundantes de mineral.

Exportamos ferro, cobre e outros minerais e depois comprávamos, da mesma nação que nos comprava a matéria-prima, as máquinas elaboradas com o material exportado.

Nosso subsolo é riquíssimo, mas está de posse do capital estrangeiro. Os tentáculos das finanças internacionais aprisionam nosso país e devoram a riqueza nacional. Os trabalhadores espanhóis têm trabalhado sempre para satisfazer os dividendos e os benefícios imensos dos acionistas e rentistas estrangeiros. O espírito de independência dos espanhóis se manifestou desde a alvorada de nossa história. Múltiplas foram as invasões mas nunca puderam abater o espírito sagrado de independência. Mas assim como nos tempos dos iberos, dos fenícios, dos cartaginenses, dos romanos, dos árabes, dos franceses, não se manifestava um caráter social muito distinto ao das invasões precedentes.

Na invasão napoleônica lutavam juntos liberais e absolutistas. Ao lado do Padre Merino se encontrava o Empecinado ainda que só fosse momentaneamente.

Na expedição do Duque de Angulema decretada em Viena pela Santa Aliança, já se manifestou uma distinção peninsular. O Padre Merino lutava ao lado das forças invasoras. Por outro lado, o Empecinado se opunha à entrada das forças estrangeiras.

Hoje se repete o acontecido na época de Fernando VII. Também em Viena se celebrou uma reunião dos ditadores fascistas para definir sua intervenção na Espanha. O papel que ocupava o Empecinado é ocupado pelos trabalhadores em armas. Alemanha e Itália estão carentes de matérias-primas. Necessitam de ferro, cobre, chumbo, mercúrio. Mas estes minerais espanhóis estão de posse da França e Inglaterra. Não obstante tentam conquistar Espanha, a Inglaterra não protesta de forma irada. Por baixo do pano tenta negociar com Franco.

No curso da guerra, a Inglaterra, tem contribuído no bloqueio de nossos portos. Os navios fascistas descarregam material bélico nos portos facciosos e carregam mineral, gado, azeite... O fascismo internacional necessita de artigos alimentícios. O lema de Hitler de mais canhões e menos manteiga e a autarquia de Mussolini, os induz a saquear as regiões agrárias que estão sob a tutela dos generais sublevados.

No aspecto econômico temos dependido sempre do estrangeiro. Os tratados comerciais, a balança de pagamentos, nunca nos favoreceram. Esta tônica vem constituindo um pesadelo para nossa economia. O problema da Espanha é de caráter colonial. O capitalismo que demoliu o feudalismo nos limites nacionais, incorre em uma contradição de sustentar o regime feudal nos países que deseja explorar. Este é o caso da Espanha, como o da China.

A classe trabalhadora há de conseguir a independência da Espanha. Não será o capitalismo local que a vai alcançar, posto que o capital internacional está intimamente entrelaçado de um cofre a outro. Este é o drama da Espanha atual. Aos trabalhadores nos cabe varrer aos capitalistas estrangeiros. Não é um problema patriótico. É um caso de interesses de classe.

Tal como se desenvolvem as intrigas internacionais, é presumível que a Inglaterra procure liquidar o assunto espanhol com base em um *status quo* vergonhoso. Farão concessões econômicas e coloniais à Alemanha e à Itália? Será concedida parte da exploração de nosso subsolo às potências estrangeiras? Repartirão a Espanha?

À Inglaterra interessa nossa riqueza mineral mas é tão colossal a chantagem fascista, que irradia por todo o mundo, agregando o famoso pacto anticomunista.

É difícil vaticinar o futuro. Não temos de confiar na Sociedade das Nações, nem nos múltiplos comitês, subcomitês, nem nas Conferências que como em Lyon não fazem mais que dar asas ao assunto. Podemos destacar que os conservadores ingleses recorrem a Lord Halifax, o massacrador das Índias.

Somente nos cabe uma pergunta: A França irá querer pôr em jogo sua segurança não somente marítima mas também terrestre? A França seguirá a política de não intervenção forjada por León Blum? Irá querer renunciar a seu exército colonial?

Não confiamos em ninguém. A salvação está em nossas mãos. As potências estrangeiras se inclinam pelo mal menor, pelo empate. A classe trabalhadora saberá impedir que a Espanha seja submetida a um estatuto internacional do tipo de Tánger, de Dantzig, do Sarre. Vencer ou morrer, camaradas. Este é o dilema da hora presente.

O colaboracionismo e a Luta de Classes

No movimento operário espanhol, como em geral tem ocorrido em todos os países, vão se manifestando duas tendências. A colaboracionista e a que não admite transações de nenhuma espécie com o adversário. Em nosso solo, o socialismo, com seu apêndice sindical a U.G.T., encarnou o clássico papel dos reformistas, o clichê dos operários renegados, ou também, dos intrusos nas organizações operárias que tendem exclusivamente a atrelar o proletariado ao carro da burguesia.

São notórias as manifestações de Indalecio Prieto no biênio vermelho, a propósito da greve dos ferroviários que caracteriza a essência do colaboracionismo: Sou antes ministro que socialista, exclamava don Inda naquela ocasião.

A revolução espanhola adoeceu da influência notória que possuíram os reformistas nas diretrizes da mesma. Não se quis interpretar o sentido social e de classe que exalava das jornadas de Julho.

A Luta de Classes que sempre havia sido patrocinada pela C.N.T. passou a ser assunto secundário por uma série de questões que prejudicaram enormemente o curso da revolução. Ao constatar este abandono, não somente temos de lamentar a desfiguração revolucionária mas também constatamos a perda de posições de caráter orgânico por não haver mantido precisamente os pilares da revolução em um terreno classista e haver abandonado o Sindicalismo Revolucionário.

Os sindicatos são os órgãos que representam de uma maneira genuína o espírito de classe dos trabalhadores em sua eterna disputa com o capitalismo. Se relegamos a segundo plano os sindicatos, forçosamente o proletariado há de sentir-se prejudicado em seus próprios interesses.

A colaboração é funesta em todos os momentos. Não se deve colaborar com o capitalismo, nem desde fora do Estado burguês nem dentro das

mesmas esferas governamentais. Nosso papel como produtores se acha nos sindicatos, fortalecendo os únicos estamentos que hão de subsistir depois de uma revolução que encabeçam os trabalhadores.

A Luta de Classes não é obstáculo para que nos momentos atuais os trabalhadores sigam lutando nos campos de batalha e trabalhando nas indústrias de guerra. Mas sim, há de levar-se em conta que ao iniciar-se um novo movimento há de se proceder com um sentido de classe e dando a devida prioridade aos sindicatos.

À margem dos sindicatos não pode existir outro organismo econômico que restrinja suas faculdades. Assim como frente aos sindicatos não pode manter-se um Estado, muito menos reforçá-lo com nossas próprias forças. A luta contra o capital segue de pé. Subsiste uma burguesia em nosso próprio terreno que está em concomitância com a burguesia internacional. O problema é o mesmo que anos atrás.

Mantenhamos a personalidade dos sindicatos. Sigamos a trajetória assinalada pela C.N.T. em sua peculiar luta contra a burguesia local como foi sempre a norma antes do 19 de Julho.

Os colaboracionistas são aliados da burguesia. Os indivíduos que defendem tal política não sentem a Luta de Classes nem têm a menor estima pelos sindicatos.

Em nenhum instante há de se aceitar a consolidação de nosso adversário.

Ao inimigo há que derrotá-lo. Se em determinadas ocasiões se efetua uma pausa, não há de converter-se esta digressão social em uma posição de franca ajuda ao capital.

Entre exploradores e explorados não pode haver o menor contato. Só na luta há de se decidir quem se imporá. Ou os trabalhadores ou os burgueses. Mas de nenhum modo ambos ao mesmo tempo. O porvir está nas mãos da classe trabalhadora. Os párias não temos nada a perder e ao contrário podemos ganhar nossa emancipação que é o porvir da família operária. Rompamos as correntes. Fortaleçamos os sindicatos. Mantenhamos o espírito da Luta de Classes.

Nossa posição

É momento de respostas concretas. Vamos a fazê-lo com respeito a cada um dos problemas que coloca a situação presente.

Ante o problema da guerra somos partidários de que o exército esteja absolutamente controlado pela classe trabalhadora. Não merecem a menor confiança os oficiais procedentes do regime capitalista. Têm se produzido numerosas deserções e a maioria dos desastres que temos sofrido é devido a traições evidentes dos comandantes. No que tange ao exército, defendemos um exército revolucionário e dirigido exclusivamente pelos trabalhadores; e no caso de empregar algum oficial, deve estar sob um controle rigoroso.

Reclamamos a direção da guerra para os trabalhadores. Temos motivos suficientes para isto: As derrotas de Toledo, de Talavera, a perda do Norte e a de Málaga, denota uma falta de competência e de honradez nas esferas governamentais por uma série de razões.

O Norte da Espanha poderia ser salvo adquirindo o estoque de material bélico que para fazer frente ao inimigo se requeria. Para isso haviam meios. As reservas de ouro do Banco da Espanha permitiam abarrotar o solo espanhol de armamento. Por que não se fez isto? Havia tempo. Não há de esquecer-se que o controle de não intervenção não começou a contar até o fim de alguns meses após haver estalado a conflagração espanhola.

A direção nos assuntos bélicos tem sido um desastre. A atuação de Largo Caballero é funesta. É o responsável pelo fato de que a frente de Aragão não tenha dado o rendimento necessário. Sua oposição a que se armasse o setor aragonês impediu que Aragão se salvasse das garras do fascismo e ao mesmo tempo que se pudesse descongestionar as frentes de Madri e do Norte. Foi Largo Caballero quem manifestou que dar armas à frente aragonesa era como entregá-las à C.N.T.

Somos inimigos da colaboração com os setores burgueses. Não cremos que se possa abandonar o sentido de classe.

Os trabalhadores revolucionários não devem desempenhar cargos oficiais nem devem alojar-se nos ministérios. Pode-se colaborar enquanto dure a guerra nos campos de batalha, nas trincheiras, nas barricadas e produzindo na retaguarda. Nosso lugar está nos sindicatos, nos lugares de trabalho, mantendo o espírito de rebeldia que aflorará na primeira ocasião que se apresente. É este o contato que temos de manter. Não há que se participar nas combinações que urdem os políticos burgueses de conchavo com as chancelarias estrangeiras. É o mesmo que fortalecer a nossos adversários e apertar mais a força capitalista.

Não mais burocracia. Não mais ministérios. Voltemos aos sindicatos e aos postos de trabalho.

Defendemos a unidade do proletariado. Mas entenda-se bem, esta unidade há de realizar-se entre trabalhadores e não com burocratas ou com parasitas.

No instante atual é factível uma articulação da C.N.T. com a fração revolucionária da U.G.T. Não cremos realizável uma aliança com a U.G.T. da Catalunha nem com os prietistas.

A socialização da economia é indispensável para o triunfo da guerra e para a consolidação da revolução. Não pode perseverar a descoordenação atual. Nem pode conceber-se como benéfico que os distintos centros de produção não marchem de uma maneira coordenada.

Mas não de ser os trabalhadores que o realize.

O problema religioso nem deve remover-se. O Povo já deu sua última palavra. Não obstante parece que se tende a abrir de novo os templos. A colocação em vigor da liberdade de cultos e as missas celebradas, nos dá motivos para supor que os governantes se esquecem das grandes jornadas incendiárias.

A distribuição dos produtos deve ser racionada de uma maneira absoluta. Não se pode tolerar que os trabalhadores não possam comer enquanto que os privilegiados encontram comida nos restaurantes controlados pela própria classe trabalhadora.

Há de se socializar a distribuição, juntamente com um racionamento rigoroso.

A burocracia há de desaparecer. Os milhares de burocratas que tem chegado a Barcelona revelam uma das Maiores pragas com as quais sofremos. No lugar do burocrata deve haver um trabalhador. Como burocrata entendemos o preguiçoso, o indivíduo do café. Supressão absoluta da burocracia.

Os salários fabulosos devem desaparecer imediatamente. É um escárnio que os milicianos recebam dez pesetas diárias e por outro lado existam salários astronômicos que são recebidos pelos burocratas Azaña e Companys que recebem os salários de antigamente.

Nós queremos que se implante o salário familiar. Que se acabe de uma vez esta irritante desigualdade.

A justiça há de exercê-la o povo. Não pode se consentir os desvios surgidos neste terreno. Dos primeiros tribunais de classe se caiu em organismos integrados pelos magistrados de carreira. Voltamos a estar como antes. Além do mais, agora se suprimirão os jurados.

A Justiça proletária somente pertence aos trabalhadores.

O campo espanhol deve se consolidar em um sentido socializador. A sabotagem das coletividades entorpeceu enormemente a vida de nosso solo e favoreceu a especulação. O intercâmbio da cidade com o campo aproximará os camponeses da classe proletária. Assim se vencerá esta mentalidade do trabalhador do campo que está habituado a cultivar um limite determinado.

Os problemas culturais, como qualquer outro aspecto referente a qualquer atividade do país, seja de caráter social, cultural ou econômico, incumbe de uma maneira restrita aos trabalhadores que são os que forjaram a nova situação.

A ordem revolucionária a exercerão os operários. Exigimos a dissolução dos corpos uniformizados que não são nenhuma garantia para a revolução. Os sindicatos irão organizar os encarregados de velar pela nova ordem que queremos implantar.

No que tange à política internacional não aceitaremos nenhum armistício. No que se refere à propaganda de nossa revolução entendemos que há de efetuar-se nos centros de produção do estrangeiro e não nas chancelarias e muito menos nos cabarés.

Aos trabalhadores estrangeiros há de falar-lhes em uma linguagem revolucionária. Até agora se empregou um léxico democrático. Há de se inculcar nas organizações operárias, de todo o mundo, que é necessário que se movam; que sabotem os produtos fascistas; que se neguem a embarcar matérias-primas ou material bélico para os assassinos do povo espanhol; que se manifestem nas ruas, que exijam de seus governos respectivos que se dê um trato de justiça à causa que estamos defendendo que é a causa do proletariado mundial.

Nosso programa

As revoluções não podem ser ganhas se estão ausentes diretrizes e objetivos imediatos. Na revolução de Julho pudemos constatar esta falha. A C.N.T. apesar de ter a força não soube cinzelar o gesto que com um caráter de espontaneidade se manifestou nas ruas. Os mesmos dirigentes se encontraram surpreendidos ante acontecimentos que para eles havia de classificar-se como algo imprevisto.

Não se soube que caminho seguir. Faltou uma teoria. Havíamos passado uma série de anos movendo-nos em torno de abstrações. Que fazer?

Perguntar-se-iam os dirigentes daquela hora. Deixaram assim perder-se a revolução.

Nestes instantes supremos não se pode vacilar. Mas há de se saber aonde vai. Este vazio nós queremos preenchê-lo, pois entendemos que não se pode repetir o que ocorreu em Julho e em Maio. Em nosso programa introduzimos uma ligeira variante dentro do anarquismo. A constituição de uma Junta revolucionária.

A revolução a nosso entender necessita de organismos que velem por ela e que reprimam, em um sentido orgânico, os setores adversos que as circunstâncias atuais nos tem demonstrado que não se resignam a desaparecer se não se os esmaga.

Pode ser que haja camaradas anarquistas que sintam certos escrúpulos ideológicos mas a lição sofrida é bastante para que andemos com rodeios. Se queremos que em uma próxima revolução não ocorra exatamente o mesmo que na atual, há de se proceder com a máxima energia com quem não está identificado com a classe trabalhadora.

Feito este ligeiro preâmbulo vamos traçar nossos pontos programáticos.

I.- Constituição de una Junta revolucionária ou Conselho Nacional de defesa. Este organismo se constituirá da seguinte maneira: Os membros da Junta Revolucionária serão eleitos democraticamente nos organismos sindicais. Será levado em conta o número de camaradas deslocados ao front que forçosamente haverão de ter representação. A Junta não se imiscuirá nos assuntos econômicos que dizem respeito exclusivamente aos sindicatos.

As funções da Junta revolucionária são as seguintes:

- a) Dirigir a guerra.
- b) Velar pela ordem revolucionária.
- c) Assuntos internacionais.
- d) Propaganda revolucionária.

Os cargos serão renovados periodicamente para evitar que ninguém tenha apego ao mesmo. As Assembleias sindicais exercerão o controle das atividades da Junta.

II.- Todo o poder econômico aos sindicatos. Os sindicatos tem demonstrado desde Julho seu grande poder construtivo. Se não se houvesse relegado-os a um papel de segunda fila, haveriam dado um grande rendi-

mento. Serão as organizações sindicais que estruturarão a economia proletária.

Tendo em conta as modalidades dos sindicatos de Indústria e as federações de Indústria, poderá além do mais criar-se um Conselho de Economia com o objetivo de coordenar melhor as atividades econômicas.

III.- Município Livre. Na Espanha que precede às dinastias estrangeiras se defendia com grande excitação as prerrogativas municipais. Esta descentralização permite evitar que se levante uma nova armação estatal. Aquele esboço de liberdades que sucumbiu em Villalar ressurgirá na nova Espanha que patrocina o proletariado. Assim se resolverão os chamados problemas catalão, basco...

Os Municípios se encarregarão das funções sociais que escapam da órbita dos sindicatos. Como vamos estruturar uma sociedade de produtores serão os próprios organismos sindicais que irão nutrir os centros municipais. Não havendo disparidade de interesses não poderão existir antagonismos. Os Municípios se constituirão em federações locais, comarcais e peninsular. Os sindicatos e os Municípios estabelecerão relações na área local, comarcal e nacional.

Rumo a uma nova Revolução

O descenso da revolução de Julho foi rápido. Nenhuma das revoluções que são consideradas como arquétipo das comoções sociais sofreu um declive tão vertiginoso.

Não se pode teorizar em torno da sucessão escalonada de fatos porque a revolução já não existe. É imperativo abrir novamente um sulco na pedreira inesgotável da Espanha proletária. Há que tornar a começar.

As revoluções se repetem em nosso país com muita frequência. Algumas vezes são levadas a cabo sem ambiente e sem possibilidades de triunfo. O momento psicológico e insurrecional há de se saber escolher. Da eleição acertada depende o êxito.

Não é fácil fazer profecias. Quem é capaz de adivinhar quando será possível um novo Julho ou talvez um novo Maio? Não obstante presumimos que na Espanha voltarão a se produzir acontecimentos.

Se a guerra segue por um terreno desfavorável se haverá de lançar ao mar todos os políticos que estão buscando a maneira de pactuar uma trégua e um acordo. Boa prova disto é a sabotagem à guerra, às indústrias de guerra e o desastre no abastecimento, além da carestia dos artigos alimentícios

que patrocinam os governantes para criar um ambiente favorável a seus planos de degola.

Pode ocorrer que se pactue um acordo. Será uma ocasião para opor-se a isto com as armas. No caso de se ganhar a guerra a volta dos camaradas do front reavivará os problemas que na atualidade têm em si uma gravidade enorme. Como se resolverão? Como se converterá a indústria de guerra em uma indústria de paz? Será dado trabalho aos combatentes? Serão atendidas todas as vítimas? A oficialidade se resignará a renunciar a suas prebendas? Será possível reconquistar os mercados?

Os três momentos que descrevemos matizam distintas posições. Não podemos predizer qual delas prevalecerá. Não obstante, o problema radica em preparar um novo levantamento para que o proletariado assuma de uma maneira genuína a responsabilidade do país.

Não se pode nos acusar de nervosos. O momento atual não tem nada de revolucionário. A contrarrevolução se sente com condições para cometer toda classe de desmandos. As prisões estão repletas de trabalhadores. As prerrogativas do proletariado estão em franco declive. Aos operários revolucionários nos é dado um trato de inferioridade. A linguagem dos burocratas, com uniforme ou sem ele, é intolerável. Não resta outro caminho que o de uma nova revolução. Vamos a sua preparação. Assim no fragor da nova luta nos voltaremos a encontrar nas ruas os camaradas que hoje batalham no front, os camaradas que jazem atrás das grades e os camaradas que na hora atual ainda não perderam a esperança de uma revolução que proporcione justiça à classe trabalhadora.

À conquista de uma nova revolução que dê satisfação completa aos operários da cidade e do campo. À conquista de uma sociedade anarquista que dê satisfação às aspirações humanas.

Adiante, camaradas!

UMA TEORIA REVOLUCIONÁRIA³

Os rumos que têm tomado os acontecimentos depois dos sucessos de Maio são realmente instrutivos. Na correlação de forças que se manifestaram nas ruas durante as Jornadas de Julho, produziu uma sensível transformação.

Aquele poderio gigantesco que girava em torno da CNT e da FAI, há um ano, sofreu uma notável queda. Não é que as massas operárias tenham se afastado dos sentimentos revolucionários, que é algo inerente à organização confederal e específica. Os trabalhadores continuam abraçando o mesmo frenesi das primeiras jornadas.

A trajetória descendente atribui-se exclusivamente à ausência de um programa concreto e de algumas realizações imediatas, e que por este fato temos caído nas redes dos setores contrarrevolucionários, no exato momento em que as circunstâncias se desenvolviam claramente favoráveis para uma coroação das aspirações do proletariado. E ao não dar livre percurso àquele despertar de Julho, em um sentido claramente classista, possibilitamos um domínio pequeno-burguês que de nenhuma maneira poderia se produzir se nos meios confederais e anarquistas, houvesse prevalecido uma decisão unânime de assentar o proletariado na direção do país. Mas não houve uma visão das incidências vividas. Em Julho não interpretamos aquela hora grandiosa. Tivemos medo. Os canhões das esquadras estrangeiras infundiram a covardia em uma grande porcentagem de militantes. Cedemos terreno aos setores que mais tarde se enfrentariam com as organizações tipicamente revolucionárias, com pretensões de destacada aparência reacionária.

Não consideramos que os fracassos tenham que ser atribuídos exclusivamente aos indivíduos. Temos provas de que a imoralidade contribuiu enormemente ao *deslunchamiento*⁴ de dias atrás. Mas o que verdadeiramente contribuiu, isto é, decidiu a perda sensível de uma revolução que só poderia escapar das mãos de incapazes, é a omissão de uma diretriz que marcasse de maneira inconfundível o caminho a seguir.

A improvisação sempre deu resultados péssimos. Nossa presunção de que as combinações sociais se forjam sem que exista uma determinante que vele zelosamente pela salvaguarda das premissas da revolução, é um

³ Fonte: *El Amigo del Pueblo*, número 5. Barcelona, 20 de Julho de 1937. (Provavelmente escrito por Jaime Balius Mir).

⁴ Não encontramos tradução para este verbete.

tanto deslocada. E em Julho o tipo social podia compartilhar seus brados econômicos e sociais, com os fatores inimigos. E este foi o erro máximo, pois demos entusiasmo à pequena-burguesia que se voltou colérica contra a classe trabalhadora quando por efeito dos rumos da guerra descobriram um firme sustentáculo nas chamadas potências democráticas.

Em Maio delineou-se a mesma disputa. De novo se debatia a supremacia na direção da revolução. Mas os mesmos indivíduos que em Julho se atemorizavam pelo perigo de uma intervenção estrangeira, nas jornadas de Maio, voltaram a incorrer naquela falta de visão que culminou no fatídico “cessar-fogo” que, mais tarde, se traduz, apesar de haver se combinado uma trégua em um desarme insistente e em uma impiedosa repressão da classe trabalhadora. A causa tínhamos apontado. Temos muitas provas. Nos dias de Julho, alguns militantes que participaram nas formações híbridas, afirmavam publicamente que renunciavam ao comunismo libertário. Mas o que não se pode compreender é que depois desta negação, não se apresentou imediatamente uma afirmação clara e categórica.

De maneira que, ao despojarmos de um programa, leia-se comunismo libertário, nos entregamos por inteiro aos nossos adversários que possuíam um programa e algumas diretrizes. Desde este instante se mostrou nosso deslocamento, pois dávamos razão aos partidos que tão fugazmente combatíamos e a quem entregamos de bandeja uma resolução que nada podia negociar. A falta de espírito de classe também ajudou na etapa de declínio que estamos presenciando. Através de determinado discurso se lançam expressões de calibre contrarrevolucionário. E em nossas intervenções temos ido a reboque da mesocracia, sendo assim que deveria ser a organização majoritária de Julho a que havia de dispor, em um sentido absoluto, da coisa pública. E aos partidos pequeno burgueses, havia de afastá-los em Julho e em Maio. Opinamos que qualquer outro setor, no caso de dispor de uma Maioria absoluta como a que nós possuíamos, se ergueriam em soberania absoluta da situação.

No número anterior de nosso porta-voz precisávamos um programa. Firmamos a necessidade de uma Junta Revolucionária, de um predomínio econômico dos sindicatos e de uma estruturação livre dos Municípios. Nossa Agrupação quis assinalar uma pauta pelo temor de que em circunstâncias similares a Julho e Maio, se proceda de uma maneira idêntica. E o triunfo se firma na existência de um programa que há de ser respaldado, sem titubeios, pelos fuzis.

Não obstante o cúmulo de erros cometidos é presumível que mais cedo ou mais tarde o proletariado volte a se manifestar. Mas o que se há de procurar é que na ocasião imediata não voltem a prevalecer os covardes e

os incapazes que nos colocaram em um terreno que está coberto de várias dificuldades.

Os revolucionários sem uma teoria não seguem adiante. “Os Amigos de Durruti” temos traçado nosso pensamento que pode ser objeto dos retoques próprios das grandes comoções sociais, mas que cria raízes em dois pontos essenciais que não podem enganar. Um programa e fuzis.

Mantenhamos o critério apontado nos sindicatos, nos locais de trabalho. Deixamos prevalecer nossos propósitos. Sem nervosismos estéreis, sem precipitações contraproducentes, preparemos a classe trabalhadora para que saiba escalar de uma vez o lugar que lhe corresponde e que por falta de uma teoria revolucionária tenha lastimosamente se perdido.

